

UM FILÓLOGO DESAFIA O DIABO

Aristóteles tem um representante na Câmara dos Vereadores

Ledo Ivo

Quando o vereador Trota apresenta à Câmara Municipal um daqueles projetos que fazem estremecer de pânico o erário público, e encontra pela frente, como uma parede, a oposição de Gládstone Chaves de Melo, ele está enfrentando, sem o saber, Aristóteles, S. Tomás e Maritain. E a Gaiola de Ouro, onde os relógios são parados à meia-noite para que a marcha do tempo não prejudique a elaboração dos “panamás”, e onde há vereadores que estacionam no Amarelinho (em local proibido) automóveis que lhes foram presenteados por classes de funcionários beneficiados em espantosas reestruturações, torna-se o campo de batalha de duas concepções de política que, ao longo dos séculos, se digladiam. Assim, o referido Trota encarna Maquiavel: é maquiavélico sem o saber. Para ele, o fim da política é a conquista e a manutenção do poder. E esse Gládstone Chaves de Melo que deixou os seus textos medievais e os seus dicionários onde cada palavra é uma sua velha e fiel amiga para as batalhas nem sempre verbais de um plenário que até as companhias de seguro devem considerar perigoso, representa a concepção aristotélica-tomista-maritainiana, que diverge na raiz da concepção atual da política. Para Aristóteles, o fim da política é a promoção do bem comum, que é de natureza essencialmente ética, isto é, a realização, na sociedade, de um clima que permita a boa vida humana da comunidade, inteiramente dentro da Justiça, no seu tríplice aspecto comutativo, distributivo e social.

ARISTÓTELES NA GAIOLA DE OURO

Gládstone Chaves de Melo, professor da Faculdade Nacional de Filosofia desde 1941, quando ali entrou a convite de Sousa da Silveira, jamais pensara em ser vereador. Pertencia, como pertence, à Resistência Democrática, que é uma entidade puramente doutrinária. Em 1950, o escritor católico Gustavo Corção, secundado pelo Sr. Aduino Lúcio Cardoso, teve a idéia de apresentá-lo como candidato da R. D. à UDN. Gládstone sentiu-se como se tivesse sido convidado para ser embaixador do Brasil no Afeganistão. Foi eleito por amigos, pais de alunos e esferas católicas aconselhadas pelos promotores de sua candidatura. Não fez campanha, não pediu votos, não prometeu empregos, e teve 4.702 votos. Legislou à sombra de Aristóteles. Eleito para a Comissão de Justiça, que tem poder de veto e de cujo pronunciamento depende a ida ou não de um projeto a plenário, ele começou a inspirar sólidas antipatias de grande número de seus pares. Gládstone dava um, dez, cem pareceres contrários, lutava pela obediência

ao Regimento, considerava as “urgências” como tapumes da fraude, procurava defender, com unhas, dentes e boa gramática, o erário público municipal. Ganhou inimigos ferozes, pois há duas coisas em política que Gládstone considera diabólicas (o vereador, como bom católico, crê no Diabo): o coleguismo e a elegância moral. Esses dois elementos já ocasionaram sangrias fantásticas aos cofres da Prefeitura. Não há espírito de coleguismo que o faça votar a favor de um projeto imoral, e costuma usar a filologia como arma parlamentar, dando aulas excelentes a uma assistência que, de modo geral, coloca muito mal os pronomes mas sabe colocar muito bem os parentes.

Em setembro do ano passado, quando seu mandato expirava, opôs-se tenazmente ao Estatuto do Funcionário Público Municipal, que haveria de ser vetado totalmente pelo Prefeito, após as eleições. Diante de sua atuação obstinada, um vereador tranqüilizou-se: “Este está liquidado. Não volta mais ao nosso convívio”. Enganou-se. Gládstone, que jamais pensara em reeleição, foi intimado pelos seus amigos Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção, Sobral Pinto e Adauto Lúcio Cardoso a recandidatar-se. Gastou apenas mil cruzeiros. Os amigos e desconhecidos deram-lhe cédulas. E ele, que possui certa dose de “humour” e tem Chesterton como uma de suas leituras prediletas (considera o padre Brown capaz de desvendar todos os crimes que se cometem na Câmara dos Vereadores), instalou no seu fordezinho inglês 49 o seu próprio posto eleitoral. Uma manhã, um cidadão se aproximou do seu carro e lhe pediu: “Me dá uma cédula desse cara que eu vou votar nele”. Gládstone foi o mais votado dos vereadores reeleitos; teve 11.115 votos, e foi rara a urna do Distrito Federal que não cantasse seu nome. De Campo Grande e dos subúrbios da Central e da Leopoldina ele recebeu votos, muito embora não tivesse participado de comícios. Na Gaiola de Ouro, é o líder da UDN. Não cumprimenta muitos dos seus 49 pares, mas, além dos vereadores udenistas, seus aliados naturais, pratica os prazeres da conversação com o socialista Magalhães Júnior, o petebista Castro Menezes, o pessedista Couto de Souza, o perrista José Bretas, o petenista João de Freitas e a pedecista Dulce Magalhães, para citar um de seus amigos em cada bancada. Uma vez, um repórter perguntou a um vereador, eleito pelos bicheiros, como ele explicava o êxito eleitoral de Gládstone Chaves de Melo. E, com a convicção de quem estava dando uma aula de ciências políticas, o interpelado respondeu: “É que ainda há muita gente honrada no Rio de Janeiro”.

A PAIXÃO E AS PALAVRAS

“A semântica é uma coisa fabulosa” diz Gládstone Chaves de Melo quando lhe pergunto se, mergulhado em seus estudos filológicos, ele sente o prazer criador de um romancista ou um poeta. Acompanhar a história das palavras com todo o rigor e meticulosidade do método crítico, descobrir porque

elas mudam de sentido como certos políticos mudam de partido, eis a paixão que consome esse professor que sente a língua como produto do homem, e através de sua história observa a própria aventura humana, sua cultura, suas concepções históricas e políticas, econômicas e sociais.

Gládstone, que se filia à linha filológica do mestre suíço Saussure, não admite que se fale em “língua brasileira”. E explica que isto não existe: temos uma língua comum (a portuguesa) e um estilo brasileiro, diferente do luso, o que decorre de um modo de ser diferente. Assim, o espírito brasileiro se reflete no uso brasileiro da língua portuguesa. Esse estilo leva algumas pessoas a pensar numa língua exclusiva ao nosso país. Mas é um engano ledo e cego. Não temos língua própria por vários motivos, todos eles científicos. Não há um sistema lingüístico (que abrange os elementos fonético, sintático e morfológico) brasileiro. O nosso sistema fonético é substancialmente o mesmo de Portugal, com as mesmas vogais, consoantes, sílabas, ditongos e a mesma posição da tônica dentro da palavra. É igual o sistema das flexões: o plural, o feminino, a conjugação dos verbos, a estrutura da frase, o processo de relacionamento das palavras. A língua escrita comum é igual. E idêntico é o vocabulário.

Para Gládstone, que segue a teoria de Saussure, a língua é o mais forte cimento da vida social. É intocável – está na memória dos homens de uma ou várias comunidades. Foi Saussure que colocou definitivamente a Lingüística no âmbito das ciências do homem; antes ela estava na esfera das ciências biológicas e mecanicistas. O mestre suíço opôs-se a essas duas concepções, resolvendo o conflito entre indivíduo e sociedade ao elaborar a distinção entre “fala” individual e “língua” social, esta um elemento que está na memória da comunidade, sendo um código para a inteligência da fala, que é uma escolha feita no material lingüístico existente, e condicionada pelas mais várias circunstâncias, não havendo dois indivíduos que falem da mesma maneira.

Pergunto a Gládstone Chaves de Melo se, quando leio Machado de Assis, estou em contato com a língua ou a fala do mestre brasileiro. E ele me responde:

– Está em contato com a fala. A língua é o armazém a que recorre o escritor para exprimir-se.

E em fala, e não em língua, é a história desse homem que escreveu 11 livros sobre problemas filológicos e que, quando entra na Câmara dos Vereadores, faz tremer de medo certas emendas que não estão escritas em língua nenhuma.

O MENINO E O JESUÍTA

Em 1930, o sábio lexicógrafo e medievalista Padre Augusto Magne foi à cidade mineira de Campanha, onde fizera o seu noviciado de jesuíta. Lá conheceu uma criança chamada Gládstone, nome que lhe deram em homenagem

a um tio que ela não conhecera, e o qual fora assim apelidado por causa do primeiro ministro da rainha Vitória. O menino, que a 12 de junho de 1917 nascera naquela cidade de região hidro-mineral, contemporânea de Ouro Preto, S. João del Rei e Mariana, era de família pobre, sendo o pai promotor de justiça. O mestre jesuíta e ele tinham um ponto em comum, que logo os aproximou: o humanismo era a tendência natural do espírito de ambos. Aos 16 anos, Gládstone Chaves de Melo perdeu o pai, que deixou a família na extrema pobreza, inclusive seis filhos. Foi estudar Direito em Belo Horizonte, onde passou dois anos. Aconteceu que, em 1936, o padre Augusto Magne foi de novo a Campanha e resolveu trazer para ao Rio o rapazinho que se interessava por Teologia, Filosofia e Letras, chegando mesmo a conseguir (o que era difícil naquele tempo) a sua transferência para a Faculdade Nacional de Direito, por onde ele se formaria em 1938, embora as letras jurídicas não traduzissem o pendor profundo de seu espírito.

No Rio, Gládstone começou a receber, do sábio jesuíta, a orientação científica de que necessitava, e a ter contato com os grandes mestres estrangeiros da Filologia. Tinha acesso à sua biblioteca. Para poder manter-se, dava aulas avulsas. E, como ficou morando perto do Colégio S. Inácio e da Casa de Rui Barbosa, não precisava caminhar muito em direção à sabedoria. Duas grandes bibliotecas estavam ao seu alcance. Muitas vezes, Gládstone vinha a pé de Botafogo até a cidade, por não ter dinheiro para o bonde. Mas em 1941 as coisas melhoraram para o discípulo do Padre Magne: Sousa da Silveira convidou-o para seu assistente na Faculdade Nacional de Filosofia. E o jovem filólogo pôs uma aliança na mão esquerda de uma moça carioca. Em 1949, fez concurso para livre-docente da Faculdade onde devia ser adjunto, mas não é.

Gládstone Chaves de Melo, depois de casado, foi morar em Laranjeiras. Em junho do ano passado, mudou-se para o Cosme Velho. Seu âmbito residencial é aquele das criaturas tranqüilas, ponderadas, amantes dos clássicos, como Afonso Pena Júnior, Sousa da Silveira, o falecido Américo Facó, Gastão Cruls, sem falar em Machado de Assis, que ainda hoje ilumina o bairro com o seu exemplo.

Diariamente, Gládstone vai à missa, na Igreja do Cristo Redentor, em Laranjeiras. Volta para casa e passa a manhã lendo, escrevendo, e estudando assuntos municipais. À tarde, vai à Câmara, numa assiduidade absoluta que incomoda muitos dos seus colegas. À noite, dá aulas na Faculdade de Filosofia (curso de jornalismo) da Pontifícia Universidade Católica. E o domingo é inteiramente dedicado à vida familiar, à escadinha de sete filhos.

(Reportagem publicada na revista *Manchete*, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1955, ilustrada com várias fotografias de José Maria da Cruz.)